

**A RECEPÇÃO DE “MEMORIAL DE AIRES”  
ATRAVÉS DE UM BREVE PASSEIO  
PELAS CORRESPONDÊNCIAS DE MACHADO DE ASSIS**

*Fabiana da Costa Ferraz Patueli Lima (LABEC e UFF)*

**RESUMO**

Este presente artigo traz recortes das correspondências de Machado de Assis, referente ao período germinativo e finalístico do seu último livro, através das quais se pode averiguar a recepção literária tanto do manuscrito como da primeira edição de “Memorial de Aires”. Por meio desses documentos de cunho íntimo também se percebe no ânimo do autor a frequente demonstração de tristeza decorrente do falecimento de sua esposa e de diferentes enfermidades que lhe afetavam à época. E por esses mesmos motivos anunciava para diferentes amigos “Memorial de Aires” como seu último livro, o que se concretizaria com o seu falecimento em 29 de setembro de 1908, um pouco mais de dois meses após a publicação da primeira edição do romance.

**Palavras-chave:**

Correspondências pessoais. Machado de Assis. “Memorial de Aires”.

**ABSTRACT**

This article presents excerpts from the correspondences of Machado de Assis, referring to the germinal and finalistic period of his last book, through which one can verify the literary reception of both the manuscript and the first edition of “Memorial de Aires”. Through these intimate documents it is also possible to perceive in the author's spirit the frequent demonstration of sadness resulting from the death of his wife and the different illnesses that affected him at the time. And for these same reasons he announced to different friends “Memorial de Aires” as his last book, which would materialize with his death on September 29, a little over two months after the publication of the first edition of the novel in 1908.

**Keywords:**

Personal letters. Machado de Assis. “Memorial de Aires”.

**1. Introdução:**

“Memorial de Aires” em formato de diário, escrito por um conselheiro aposentado que mais parece não ter deixado o ofício antigo, partilha despretensiosas anotações entre 1888 e 1889: “[...] conservando só o que liga o mesmo assunto. O resto aparecerá um dia, se aparecer algum dia./ M. de A.” (ASSIS, 1977, p. 63).

É o autor Machado de Assis trazendo para seu público leitor um recorte da transição de regimes políticos do país, bem como um retrato

do extrato da sociedade da época como destacou Salvador de Mendonça em carta de 1 de setembro de 1908:

Da praia da Saudade a Retiro Saudoso, da Gávea à Tijuca, há muitos casais Aguiar, muita Fidélia e muito Tristão e mais de um diplomata encostado, mas quem os ponha por obra, e obra imorredoura, digo-te até agora, só conheço certo morador do Cosme Velho. (MACHADO, 2003, p. 300)

Salvador de Mendonça na mesma carta também ressaltou a naturalidade e a simplicidade da obra cuja

[...] facilidade aparente de feitura é realmente o selo da verdadeira obra de arte [...] A forma do teu estilo, teus períodos curtos tiveram de se encurtar ainda mais pelas exigências de quem escrevia um memorial ou diário, e daí sucedeu que algumas páginas saíram verdadeiras miniaturas [...] tendo de coar todas as suas personagens através da meia ironia e meia descrença de Aires [...] Alguém já me disse que o livro não tinha enredo, e eu lhe respondi que o mister dos velhos não é fazer enredos, mas desenredá-los. (MACHADO, 2003, p. 299-300)

Assim, percebe-se que os registros acerca da recepção da obra “Memorial de Aires” publicada em 1908 por Hippolyte Garnier não se limitou às críticas veiculadas nos periódicos da época, pois se estenderam às correspondências escritas pelo e para o autor entre 1907 e 1908.

## **2. “Memorial de Aires” nas correspondências**

Uma das primeiras menções ao título nas correspondências machadianas foi realizada ainda em 1907, ano da elaboração do manuscrito. Esse primeiro registro se deu na carta de José Veríssimo de 11 de janeiro de 1907, através da qual o amigo comentou sobre o desejo de ler “as Memórias” escrita por Machado:

Como vai Você? Sabe? Sonhei que V. fazia um livro e que eu dizia dele no *Jornal*. Quem me dera ver o meu sonho realizado. E as *Memórias*? Esse é o livro que eu lhe quisera ver fazer e que (ou então eu sou um tapado em psicologia literária) auguro V. faria excelentemente de um modo original e raro. (ASSIS, 1944, p. 225-6) (grifos do autor)

Posteriormente, em 7 de fevereiro, Machado falou sobre a elaboração do novo livro para Joaquim Nabuco: “Não sei se terei tempo de dar forma e termo ao livro que medito e esboço; se puder, será certamente o último. As forças compreenderão o conselho e acabarão de morrer caladas” (ASSIS, 1944, p. 112).

E mais tarde, ainda em 1907, coube a Mario de Alencar a leitura do manuscrito do romance, conforme as cartas de 16 e 22 de dezembro:

Disse-lhe hoje as minhas impressões da leitura do *Memorial de Aires*, mas receio não as ter dito bem e em ordem, e volto a ideia anterior de as exprimir por escrito. – Em primeiro lugar a emoção de prazer e de orgulho de ter em mãos, sob os meus olhos, com o seu consentimento, mas do que isso, por espontâneo oferecimento seu, o exemplar em provas de um romance não conhecido nem lido de ninguém [...] eu sabia é que antes de todos, mais do que todos, eu experimentava o gozo de ler um livro seu, inédito e novo [...] e querendo qualificar o *Memorial de Aires*, os adjetivos que achei ajustados foram estes: delicioso, fino, superior, perfeito [...] que é efeito da colaboração de um sentimento novo, o mesmo que fez o soneto *A Carolina* e que nestas páginas traçou aquela figura verdadeira e sagrada de Dona Carmo. O mundo poderá admirá-la e há de admirá-la como criação de arte; eu, que adivinhei o modelo, li-o comovido, cheio do respeito pela doce evocação [...] – O *Memorial de Aires* tem, além dos outros méritos próprios do autor, a originalidade da forma do romance. Estou<sup>48</sup> que ainda não houve nenhum, com essa forma de diário, objetivo. [...] Aires acha nas anotações uma maneira de exprimir o que às vezes nele próprio inconsciente, o sentimento que tem por Fidélia. É um sentimento que ele próprio não define, mas existe e lhe leva o espírito e o coração presos da viúva [...] – Os outros tipos todos são admiráveis desde a Mama Rita, Faria, o criado José Cesária, Aguiar, até Fidélia, até Dona Carmo, que não tem igual nem comparável em outro livro. (ASSIS, 1944, p. 271-5) (grifos do autor)

Confiando-lhe a leitura do meu próximo livro, antes de ninguém [...] Queria a impressão direta e primeira do seu espírito, culto, embora certo de que aquele mesmo sentimento o predispunha à boa vontade. – Assim foi; a carta que me mandou respira toda um entusiasmo que estou longe de merecer, mas é sincera e mostra que me leu com alma. Foi também por isso que achou o modelo íntimo de uma das pessoas do livro, que eu busquei fazer completa sem designação particular, nem outra evidência que a da verdade humana. – Repito o que lhe disse verbalmente, meu querido Mário, creio que esse será o meu último livro; faltam-me forças e olhos outros; além disso o tempo é escasso e o trabalho é lento. Vou devolver as provas ao editor e aguardar a publicação do meu *Memorial de Aires*. (ASSIS, 1944, p. 276-7) (grifo do autor)

A partir de então o tema ganhou espaço nas correspondências entre os amigos. Em 8 fevereiro de 1908, Machado de Assis deu notícias sobre o seu livro e alertou Mario de Alencar sobre boatos advindos da sua publicação:

---

<sup>48</sup> Parece que faltou uma palavra nesta edição das correspondências de Machado de Assis.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Sobre o meu livro, nada; talvez, na semana próxima venha resposta, e diz o Lansac<sup>49</sup> que provavelmente o livro chegará no meado de março; espero. Aproveito a ocasião para lhe recomendar muito que, a respeito do modelo de Carmo,<sup>50</sup> nada confie a ninguém; fica entre nós dous. Aqui há dias uma senhora e um rapaz disseram-me ter ouvido que eu estava publicando um livro; ele emendou para escrevendo; eu neguei uma e outra coisa. Pouco antes, em um grupo no Garnier, perguntando-me alguém se tinha alguma coisa no prelo, outro alguém respondeu: “Tem, tem...” Podia ser conjectura, mas podia também ser notícia. Talvez não valha a pena tanto silêncio da parte do autor. (ASSIS, 1944, p. 288-9)

Na carta resposta de 20 de fevereiro, Mário de Alencar assegurou que manteve a publicação de *Memorial de Aires* em segredo, bem como a correlação de Carolina com a personagem Dona Carmo:

Asseguro-lhe que, se alguém sabe ou desconfia de seu livro, não o soube por comunicação minha; guardei sobre ele e sobre a impressão, completo segredo. Não se esqueça que o Sr. mesmo, em um jantar há cousa de um ano, respondendo a uma pergunta o senador Pinheiro Machado, lhe disse ter um novo livro em via de publicação. A Graça Aranha e a José Veríssimo também o Sr. confiou o segredo; e pelo Graça, veio a saber dele o nosso Magalhães de Azeredo,<sup>51</sup> segundo ouvi a este, quando aqui esteve. Por conseguinte a responsabilidade da divulgação está repartida por não poucos. Da parte que me cabe afirmo-lhe que foi conscienciosamente aceita e guardada, e continua a sê-lo até que venha o livro. Dizendo-lhe que não revelei a existência do *Memorial*, quase que não preciso acrescentar que não disse a minha impressão de leitura. Não a disse a ninguém; nem a ninguém direi aquela presunção que fiz e acertou de ser verdadeira, sobre o modelo de Dona Carmo. A esse respeito a sua confiança não foi mal usada; e eu farei por corresponder a tão alta prova de afeição. (ASSIS, 1944, p. 289-90) (grifo do autor)

Machado respondeu ao amigo sobre o problema dos boatos na carta de 23 de fevereiro:

---

<sup>49</sup> Julien Emmanuel Bernard Lansac gerenciou os negócios da editora junto a Hippolyte Garnier após o falecimento do outro irmão Baptiste-Louis Garnier em 1893 (SOUZA, 2017).

<sup>50</sup> Referência à personagem D. Carmo de *Memorial de Aires* que foi inspirada na falecida esposa de Machado.

<sup>51</sup> Carlos Magalhães de Azeredo fez um breve comentário sobre o romance em um postal enviado de Roma em 17 de junho de 1908: “Saiu já o seu novo livro anunciado?”. Em 25 de agosto de 1908 enviou uma carta para agradecer o exemplar do romance pelo qual estava ansioso para receber, embora aquele estivesse endereçado a Domício da Gama. Disponível em: <<http://servbib.academia.org.br/arquivo/asp/zoom.asp?item=7754&imagem=12344&zoom=1&content=image/jpeg>> Acesso em: 24 set. 2019.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Esta é quase toda de explicações e mostra a impressão que lhe deu a minha acerca do *Memorial de Aires*. Agradeço-lhas, mas não valia a pena, já porque a divulgação não viria de sua parte, já porque, dado viesse, seria ainda um sinal da afeição que me tem. Não, meu querido Mário, o que lhe contei na última carta, fi-lo por lhe confiar estes incidentes, e foi bom que o fizesse, visto o que me recordou agora desde a minha resposta ao Pínhairo Machado até as confidências ao Graça e ao J. Veríssimo. Quer saber? Na mesma data da sua carta (20) comuniquei ao J. Veríssimo a notícia do livro, como se fosse inteiramente nova; é certo que ele não se deu por achado. Acrescentei-lhe a primeira ideia de confiar aos quatro (o Magalhães de Azeredo não podia entrar por estar em Roma) a publicação do manuscrito, caso eu viesse a falecer. Repita tudo isso consigo, e diga-me se há nada mais indiscreto que um autor, ainda quase septuagenário, como eu. Diga-me também, pois que leu as provas, se o livro vale tantas cautelas e resguardos. (ASSIS, 1944, p. 291-2) (grifo do autor)

O assunto “boato” acerca de um novo livro de Machado parece ter findado nas correspondências entre os amigos, já que na carta de 27 de fevereiro Mario de Alencar apenas pontuou brevemente a admiração pelo autor e o desejo de reler o seu novo romance:

Ora, pensando assim, por convicção que lhe conto sinceramente, como pensar que o *Memorial de Aires* não vale todos os cuidados que o Sr. tem tido? Já lhe disse em carta a minha impressão de leitura. A ausência do livro não a diminui e estou ansioso por lê-lo novamente. Tenho-o como complemento admirável da sua obra admirável. – O que me referiu sobre a comunicação a Veríssimo como confidência nova, é apenas um descuido da memória que tem outras muitas cousas que a ocupam. (ASSIS, 1944, p. 295) (grifo do autor)

Na carta de 8 de maio de 1908 Machado compartilhou com Joaquim Nabuco acerca da futura publicação do seu novo livro que foi escrito em 1907:

Ainda assim posso fazer-lhe uma confidência: escrevi-o ano passado um livro que deve estar impresso agora em França. Duas ou três pessoas sabem disso aqui, e, por uma delas, o Magalhães de Azeredo (Em Roma). Diz-me o editor (Garnier) que virá este mês, mas já em março me anunciava a mesma coisa e fálhou. Creio que será o meu último livro; descansarei depois. (ASSIS, 1944, p. 129)

A resposta pela notícia do novo livro foi enviada por Nabuco em 8 de junho, quando estava em Washington:

Meu querido Machado. – Acabo de receber sua boa carta, cheia do seu coração trazendo a notícia de um próximo livro, que V. supõe será o seu último, mas que receberei como o antepenúltimo. (ASSIS, 1944, p. 129)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Mas, Machado insiste com seu amigo que *Memorial de Aires* seria seu último livro na carta de 28 de junho, seja por causa do peso da idade ou do sofrido luto por Carolina:

Daqui a pouco a casa Garnier publicará um livro meu, e é o último. A idade não me dá tempo nem força de começar outro; lá lhe mandarei um exemplar. Completei no dia 21 sessenta e nove anos; entro na ordem dos septuagenários. Admira-me como pude viver até hoje, mormente depois do grande golpe que recebi e no meio da solidão em que fiquei, por mais que amigos busquem temperá-la de carinhos [...] Já dispus as coisas em maneira que a caixa e o ramo, com as duas cartas que os acompanham, passem a ser depositados na Academia, quando eu morrer; confiei isto ao Mário de Alencar. – Adeus, meu querido Nabuco [...] (ASSIS, 1944, p. 134)

O romance foi publicado no mês de julho de 1908, por isso muitas correspondências o mencionaram, inclusive a respeito da demora da chegada do livro ao Brasil. A esse respeito, em 16 de julho, Mário de Alencar e Machado trocaram correspondências:

Estive no Garnier, e pedi notícias do *Memorial*. Tinha esperança de encontrá-lo e projetava ir com um exemplar levar-lhe a boa nova. Jacinto me disse que a demora é só da Alfândega. (ASSIS, 1944, p. 307) (grifo do autor)

Obrigado pelas notícias. A demora da Alfândega é a mesma causa que o Lansac me dá há muitos dias; melhor é não insistir no caso (ASSIS, 1944, p. 308).

Alguns dias depois o livro já estaria a venda, visto que José Veríssimo parabenizou o autor que o respondeu em seguida, conforme as cartas de 18 e 19 de julho de 1908:

Que fino e belo livro V. escreveu! Consinta-me a vaidade de crer que o entendi e compreendi. O velho Aires (é ele mesmo que se quer considerar assim) decididamente é um bom e generoso coração: apenas com o defeito de o querer esconder. Você já nos tinha acostumado às suas deliciosas figuras de mulher, mas creia-me, excedeu-se em D. Carmo. Ah! como é verdade que a grande arte não dispensa a colaboração do coração... – Desejo-lhe melhoras, ou melhor, restabelecimento e vida e saúde, para nos dar o resto do *Memorial* desse velho encantador que é o meu amado Aires. – Seu J. Veríssimo. (ASSIS, 1944, p. 232-3) (grifos do autor)

Meu caro Veríssimo. – Acabo de receber a sua carta com o seu abraço pelo livro, e venho agradecer-lha cordialmente. Sabendo que foi sempre sincero comigo, senti-me pago do esforço empregado; muito obrigado, meu amigo. O livro é derradeiro; já não estou em idade de folias literárias nem outras. O meu receio é que fizesse a alguém perguntar por que não parara no anterior, mas se tal não é a impressão que ele deixa, melhor. (ASSIS, 1944, p. 233)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Mario de Alencar voltou a falar sobre o livro publicado em 21, 29 e 30 de julho:

Ontem, segundo promessa feita pelo Secretário da redação, devia sair no *Jornal do Commercio* o meu artiguinho a respeito do *Memorial de Aires*. Creio que não foi possível pelo excesso de matéria, e ainda hoje assim aconteceu. Sairá amanhã talvez. Depois de ter levado ao *Jornal* o artigo, reli ainda o *Memorial* e vi que não dissera tudo. A minha convicção é que o livro é bom demais para o meio, ainda meio bárbaro, incapaz de sentir a simplicidade divina. (ASSIS, 1944, p. 308) (grifos do autor)

Outra coisa que julgo lhe será também agradável é a impressão que deu o *Memorial* a Baby, minha mulher. Disse-me ontem que acabou de lê-lo *encantada e com saudade do livro*. (ASSIS, 1944, p. 310) (grifos do autor)

Não quero deixar para amanhã o prazer de dar-lhe boas novas. Vai junto um artigo do Alcindo Guanabara sobre o *Memorial*. Soube dele no *Jornal* pelo Felix Pacheco a quem fui levar notícia da sessão de hoje. Ao Felix ouvi também que havia lido com entusiasmo o seu livro, e estava resolvido a ler toda a sua obra para escrever sobre ela. Comunicou-me a impressão excelente de João Luzo, que é um dos redatores do *Jornal*. Vê, meu amigo? A sua glória é incontestada e incontestável: só não o admiram os que o não leram. (ASSIS, 1944, p. 311) (grifos do autor)

No dia 30 de julho Machado apenas agradeceu ao amigo pelas notícias advindas de carta enviada no dia anterior: “Muito obrigado pelas notícias que me deu, e não digo mais para não cansar os olhos” (ASSIS, 1944, p. 310-11). Já a carta escrita no dia 30 por Mario foi respondida pelo autor no dia 1º de agosto:

Muito obrigado pelas boas novas. Vou ler o artigo do Alcindo e escrevo esta para não demorar a resposta. Folgo de saber o que o Felix e o João Luzo lhe disseram, e ainda bem que o livro agrada. Como é definitivamente o meu último, não quisera o declínio. (ASSIS, 1944, p. 312 (grifos do autor).

O artigo de Mário de Alencar sobre o *Memorial de Aires*, que foi publicado no *Jornal do Commercio*,<sup>52</sup> também foi tema de cartas, demonstrando o alcance de ambas as leituras. Afrânio Peixoto comentou com Machado sobre o assunto e faz referência ao seu próprio artigo em 24 de julho:

Li o Mario de Alencar, depois do Conselheiro Aires, e é ao sr. que me dá a vontade de conversar, para dizer-lhe que li algumas vezes meu pensamento, expresso no *Jornal do Commercio* de hoje, sobre o seu livro.

---

<sup>52</sup> O artigo foi publicado no dia 24 de julho de 1908 (p. 2). Disponível: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_09/15476](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_09/15476)>. Acesso em: 9 out. 2019.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Uma ideia ou uma frase que nos agradam, de outrem, são nossas. Um escritor é tanto maior quanto mais dele é dos outros, assim. Eu tenho minhas, muitas das suas páginas. E hoje, a propósito das árvores grandes que tem flores simples e dos deuses imortais que tem ideias abreviadas, comparadas à simplicidade e à perfeição de suas palavras e de seus pensamentos, o Mário exprimiu, com emoção nobre e justiça devida, um juízo meu, e creio que de muitos, sobre Machado de Assis. (ASSIS, 1944, p. 432) (grifo do autor)

Meu caro e generoso Sr. Dr. Afrânio Peixoto. – A generosidade de Mário de Alencar veio agora aumentada pela sua, uma vez que as palavras dele lhe foram bem aceitas, como declara na carta que acabo de receber. Eu é que não tenho aumento de força para poder agradecer a tudo o que as almas simpáticas sentem de mim. Deixe-me dizer-lhe: ao fim de uma vida de trabalho e certo amor da arte que sempre me animou, vale muito sentir que encontro eco em espíritos ponderados e cultos. Vale por paga do esforço, e paga rara. Receba com estas linhas o meu agradecimento de – admor. e respeitador – Machado de Assis. (ASSIS, 1944, p. 431) (grifo do autor)

Nesse período outros amigos do autor se manifestaram agradecidos pelo exemplar recebido. Por isso, em 29 de julho, Lúcio de Mendonça e José Veríssimo enviaram as seguintes cartas:

Querido Mestre e Amigo. – Obrigadíssimo por se haver lembrado de mim, sobrevivente a mim mesmo.<sup>53</sup> Chega-me neste momento o *Memorial de Aires*, que vou mandar ler. Será o primeiro livro seu que eu leia por olhos de outrem; quero, porém, que o agradecimento ainda seja do meu próprio punho. (ASSIS, 1944, p. 348) (grifo do autor)

Meu Caro Machado. – Indo eu hoje de manhã entregar ao portador de um amigo o meu exemplar de *Memorial de Aires*, ocorreu-me levar-lho depois para que Você pusesse nele a sua assinatura e com essa lembrança, não quero esconder-lhe, passou-me vago e fugaz o íntimo reproche de que V. podia me ter dado um exemplar assim. – Mal o formulara a parte ruim de meu espírito, eis chega o carteiro e me entrega esse desejado volume. (ASSIS, 1944, p. 234-5) (grifo do autor)

Em 1 de agosto Machado de Assis ainda escrevia para notificar os amigos acerca da publicação do seu último livro, sendo perceptível a tristeza em suas palavras:

Meu eminente amigo [Belmiro Braga]. – Esta tem por fim dizer-lhe que ainda não morri, – tanto que lhe remeto um livro novo. Chamei-lhe *Memorial de Aires*. Mas este livro novo é deveras o último. Agora já não tenho forças nem disposição para me sentar e começar outro; estou velho e acabado. (ASSIS, 1944, p. 432-3) (grifo do autor)

---

<sup>53</sup> Encontrava-se enfermo e quase cego, conforme a edição das correspondências de Machado de Assis (1944, p. 348).



## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Meu querido Nabuco. – Lá vai o meu Memorial de Aires. Você me dirá o que lhe parece. Insisto em dizer que é o meu último livro; além de fraco e enfermo, vou adiantado em anos, entrei na casa dos setenta, meu querido amigo. Há dois meses estou repousando dos trabalhos da Secretaria, com licença do Ministro, e não sei quando voltarei a eles. Junte a isto a solidão em que vivo. Depois que minha mulher faleceu soube por algumas amigas dela de uma confiança que ela lhes fazia; dizia-lhes que preferia ver-me morrer primeiro por saber a falta que me faria. A realidade foi talvez maior que ela cuidava; a falta é enorme. Tudo isso me abafa e entristece. Acabei. Uma vez que o livro não desagradou, basta como ponto final. (ASSIS, 1944, p. 137) (grifo do autor)

Em resposta a carta recebida sobre a publicação do “Memorial de Aires”, Nabuco falou sobre suas impressões do romance machadiano em 3 de setembro:

Quanto ao seu livro li-o letra por letra com verdadeira delícia por ser mais um retrato de V. mesmo, dos seus gostos, da sua maneira de tomar a vida e de considerar tudo. É um livro que dá saudade de V., mas também que a mata. E que frescura de espírito! [...] V. é a mocidade perpétua cercada de todas essas afetações de velhice [...] Somente não me acostumo à ortografia. Creio que lhe terá custado reconhecer-se na nova. (ASSIS, 1944, p. 140)

Entre as últimas correspondências sobre o assunto, em 07 de setembro Machado respondeu a carta de 1 de setembro de 1908 de Salvador de Mendonça, que se encontra no início deste artigo. A afeição manifestada entre os companheiros revela uma amizade desde a época de mocidade. Esta carta não só agradece as palavras amigas de Mendonça como traduz o ânimo do autor que cada vez mais entendia o seu trabalho como acabado:

Meu querido Salvador de Mendonça. – A tua boa carta trouxe ao meu espírito afrouxado não menos pela enfermidade que pelos anos, aquele cordial de juventude que nada supre neste mundo [...] A tua grande simpatia achou a velha da tradição itaboraiense para dizer mais vivamente o que sentiste do meu último livro. Fizeste-o pela maneira magnífica a que nos acostumaste em tantos anos de trabalhos e de artista. Agradeço-te, meu querido. A morte levou-nos muitos daqueles que eram conosco outrora; possivelmente a vida nos terá levado também alguns outros, é seu costume dela, mas chegado ao fim da carreira é doce que a voz que me alente seja a mesma voz antiga que nem a morte nem a vida fizeram calar. – Abraça-te cordialmente – O teu velho amigo – *Machado de Assis* (ASSIS, 1944, p. 396-7) (grifo do autor)

A SAÚDE DO AUTOR:

Com a saúde de Machado de Assis cada vez mais debilitada, ele sempre encontrava uma voz amiga que lhe trazia conforto ou conselhos para as moléstias que lhe esgotavam o ânimo:

Hoje acordei um pouco melhor e vou aguentando o dia. O médico estando aqui agora reduziu isto a termos técnicos. Oxalá venha assim a noite e amanhã não desminta o dia de hoje. Muito obrigado pelos seus cuidados e comunicações. À boa consorte e a todos os seus agradeço também as afetuosas visitas que me mandam [...] Não digo mais por não poder cansar a cabeça e a vista.<sup>54</sup>

Maria Cristina Cardoso Ribas, em *Onze anos de correspondência: os Machados de Assis* (2008), observou no seu estudo sobre as cartas do autor que ele sofria com a epilepsia, que não tinha remédio, e por decorrência dessa grave enfermidade também teve de lidar com amnésia e dores de cabeça, bem como lhe incidiu uma grave infecção intestinal. Assim, com este complexo quadro de saúde e sem soluções definitivas, restava ao seu “médico de alma”, Miguel Couto, proporcionar-lhe somente bem-estar.

Encontram-se em suas correspondências exemplos de tais problemas que tornaram penosos os seus dias no último ano de vida do autor:

De mim, vou bem, apenas com os achaques da velhice, mas suportando sem novidade o pecado original [a epilepsia], deixe-me chamar-lhe assim. (ASSIS, 1944, p. 281)<sup>55</sup>

O mal não é tão grande como parece; é agudo, porque os nervos são doentes delicados, e ao menor toque retraem-se e gemem. Eu sou desses enfermos, como sabe, e, como sabe também, doente sem médico. (ASSIS, 1944, p. 287)<sup>56</sup>

Esta resposta vai demorada, porque a sua carta veio achar-me com um princípio de gripe que continua; trouxe-me o corpo amolentado, além de outros fenômenos característicos, como a falta de apetite, amargor de boca e recrudesimento da coriza. Um hospital, meu querido! Há três noites não saio de casa. (ASSIS, 1994, p. 47)<sup>57</sup>

---

<sup>54</sup> Carta datada de 12 de julho de 1908, endereçada a Mario de Alencar em resposta a carta de mesma data enviada pelo destinatário.

<sup>55</sup> Carta datada de 21 de janeiro de 1908, endereçada a Mario de Alencar.

<sup>56</sup> Carta datada de 8 de fevereiro de 1908, endereçada a Mario de Alencar.

<sup>57</sup> Carta datada de 7 de março de 1908, endereçada a Mario de Alencar.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Eu, meu querido, vou andando como posso, já um pouco fraco, e com temor de perder os olhos se me der a longos trabalhos. Já não trabalho de noite [...] (ASSIS, 1944, p. 129)<sup>58</sup>

A garganta está no mesmo ou um pouco mais dolorida. Vou aplicar o bochecho que me diz. Não escrevo mais por causa dos olhos. (ASSIS, 1944, p. 312)<sup>59</sup>

Esta moléstia é lenta e custa a sair das costas; passei a noite mal e o dia pouco melhor; vou ver a noite que passo. Tomei os seus remédios (a *calcareia* — principalmente) e outros, além dos bochechos. Desde ontem à tarde a minha alimentação é puro leite. (ASSIS, 1944, p. 316) (grifo do autor)<sup>60</sup>

Meu caro Veríssimo. —Ontem, ao jantar, recebi a sua carta de ante-ontem, feita das boas palavras a que Você tanto me acostumou. Ontem passei o dia relativamente melhor, apesar de muito enfraquecido e muito desanimado; o Mário lhe dirá sobre isto alguma coisa. Agora (oito da manhã) ainda não estou pior. Vamos ver se este intestino, que é apenas um mal acessório mas aflitivo, se dispõe a me deixar tranquilo por uma vez. (ASSIS, 1944, p. 236)<sup>61</sup>

### **1. Considerações finais**

Machado de Assis intuiu que “Memorial de Aires” seria seu último livro, seja por causa das dores ocasionadas pelas moléstias que possivelmente acentuaram com a idade, ou decorrente da tristeza experimentada desde o falecimento de sua esposa Carolina em 1904, cujo sentimento era eventualmente manifestado em suas correspondências.

Em vista disso, o desânimo por um ou outro motivo tornava penoso a escritura, bem como o exercício de uma vida fora do ambiente doméstico. Pois, cada vez mais, Machado deixava de sair e encontrava nas correspondências a melhor maneira de ter notícias e de se sentir acolhido por seus amigos.

Desta forma, pode-se ler nas correspondências machadianas, espaço de sua vida íntima e de seus convivas, acerca da recepção do último

---

<sup>58</sup> Carta datada de 8 de maio de 1908, endereçada a Joaquim Nabuco.

<sup>59</sup> Carta datada de 1 de agosto de 1908, endereçada a Mario de Alencar.

<sup>60</sup> Carta datada de 9 de agosto de 1908, endereçada a Mario de Alencar.

<sup>61</sup> Carta datada de 1 de setembro de 1908, endereçada a José Veríssimo.

romance do autor que foi muito admirado em vida por muitos intelectuais de sua época.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado. *Memorial de Aires*. Rio de Janeiro: ABL, 1907. (Manuscrito digitalizado). Disponível em: <<http://servbib.academia.org.br/arquivo/index.html>>. Acesso em: ago. 2018.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4707>>. Acesso em: ago. 2018.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ INL, 1977. (Edições críticas de obras de Machado de Assis, V. 10)

\_\_\_\_\_. *Correspondência*. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson, 1944.

\_\_\_\_\_. *Epistolário de Machado de Assis*. (Texto de referência: Machado de Assis, *Obra Completa*, vol. III, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994) Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/fs000081pdf.pdf>>. Acesso em: 9 out. 2019.

MACHADO, Ubiratan. *Machado de Assis: roteiro da consagração*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. *Onze anos de correspondência: os machados de Assis*. Rio de Janeiro: PUC-Rio; 7 Letras, 2008.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *Carpinteiros teatrais, cenas cômicas e diversidade cultural no Rio de Janeiro Oitocentista*: ensaios de história social da cultura. Londrina: Eduel, 2017. (livro eletrônico)